

Edição e análise de fenômenos linguísticos presentes em um manuscrito eclesiástico setecentista de Minas Colônia

Editing and analysis of linguistic phenomena present in an 18th-century ecclesiastic manuscript from colonial Minas Gerais period

Marcus Vinícius Pereira Dorez *

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Soélis Teixeira do Prado Mendes **

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, Brasil

Resumo: Neste artigo temos duplo objetivo: discutir a importância de transcrição feita com critérios filológicos e mostrar como o respeito ao texto original possibilita ao pesquisador diacronista, e ao público em geral, conhecer o uso linguístico, manifesto no manuscrito sob análise, de um estágio pretérito da língua. Na segunda parte do texto, é feita uma apresentação não exaustiva de fenômenos linguísticos extraídos de parte de um manuscrito do século XVIII, intitulado *Processo De Genere Vita et Moribus de Francisco de Paula Meireles* (1779).

Palavras-chave: Documento manuscrito. Edição filológica. Fenômenos linguísticos.

Abstract: This study addresses two main issues: first, the importance of philological criteria in a transcription. Second, how the faithfulness to the original text allows the researcher to be acquainted with the language usage from a previous language stage; the language usage is manifest in the analysed manuscript. In the second part of the text, linguistic phenomena extracted from an 18th-century manuscript are briefly presented. The manuscript is entitled *Processo de Genere Vita et Moribus de Francisco de Paula Meireles* (1779).

Keywords: Manuscript document. Philological edition. Linguistic phenomena.

FLP20(2)

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo temos duplo objetivo: discutir a importância de transcrição feita com critérios filológicos e mostrar como o respeito ao texto original possibilita ao pesquisador diacronista, e ao público em geral, conhecer o uso linguístico, manifesto no manuscrito sob análise, de um estágio pretérito da língua. O corpus utilizado faz parte do manuscrito *Processo De Genere Vita et Moribus de Francisco de Paula Meireles* (1779), que é parte constituinte do projeto de pesquisa, já concluído, intitulado *O estudo da*

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista do CNPq, Belo Horizonte, MG, Brasil; marcusdorez@hotmail.com

** Professora Adjunta do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, Brasil; soelisufop@gmail.com

*concordância variável (nominal e verbal) em manuscritos setecentistas e oitocentistas de Minas Colônia*¹.

O presente texto está dividido em três partes: primeiramente, discutimos sobre a contribuição dos estudos filológicos para a transcrição de documentos manuscritos, perpassando pelos tipos de edição e as normas de transcrição adotadas. Posteriormente, trataremos do gênero *Processo De Genere Vita et Moribus*, apontando, sobretudo, as funções social, histórica e religiosa imbricadas em Processos de Ordenação Eclesiástica. Na sequência, dada a extensão máxima deste artigo, serão apresentadas a transcrição total e o fac-símile do primeiro fólio de um dos autos (Auto de Sequestro de bens) que está contido no *Processo De Genere Vita et Moribus* de Francisco de Paula Meireles, de 1779. Por fim, na terceira parte, apresentaremos os fenômenos linguísticos – fônicos e morfossintáticos – sem, entretanto, apresentarmos uma análise exhaustiva.

2 A IMPORTÂNCIA DOS CRITÉRIOS FILOLÓGICOS

De acordo com Mattos e Silva (1991, p. 15), em qualquer pesquisa de manifestações da língua em uso, o corpus sob análise deverá ser, “necessariamente, um corte intencional sobre a totalidade de uma língua; a sua data, o seu lugar e os seus informantes serão identificados e definidos”. Entretanto, prossegue a autora, quando a análise se refere a um estado da língua já passado, o corpus no qual a pesquisa se apoiará já está constituído. Assim, caberá ao linguista-pesquisador que deseja estudar um uso linguístico anterior ao presente, determinar “os limites do seu campo de observação sobre documentação preexistente”, já que, conforme Mendes (2008, p. 14), “não existe outra forma de se pesquisar uma língua pretérita que não seja através de textos escritos”. Assim, no caso da pesquisa desenvolvida, o limite do campo de atuação circunscreve-se ao período da língua portuguesa escrita no Brasil cujos documentos datam da segunda metade do século XVIII, como é o caso deste que será tratado no presente artigo, à primeira metade do século XIX.

Uma vez determinada a época a que se referem os documentos, deve ser estabelecida, por meio da Crítica Textual, a gênese dos textos. Conforme Spina (1994, p. 94), tendo em vista a especificidade dos textos pertencentes à cultura ocidental, “cuja tradição tem como baliza a aparição da imprensa no século XV”, a Edótica (ou Crítica Textual) pode ser periodizada em quatro momentos: *clássica* – aplicada aos textos clássicos, gregos e latinos, até o fim do período helenístico e da baixa latinidade; *medieval* – aplicada aos códices pertencentes à Alta e Baixa Idade Média; *moderna* – aplicada ao texto impresso, desde os primeiros até os textos do século XIX; e a *contemporânea*. Muito embora o corpus da presente pesquisa refira-se ao período moderno da nossa história e, portanto, pertencente à época pós-imprensa, como aponta o autor ora citado, o documento sob análise é manuscrito e foi exarado por um escrivão da vara eclesiástica do Arraial do Tejuco, Antonio Dias Braga, em 1779.

Mas, em que pese a época em que foi escrito o texto, precisamos levar em conta que o objetivo da Edótica é o mesmo: “estabelecer um texto que se avizinha o mais possível do original, tendo em vista a sua publicação”. (Spina, 1994, p. 94).

¹ Pesquisa desenvolvida pelos autores com apoio financeiro do CNPq (processo 129043/2016-8).

O diacronista que pretende levantar e transcrever manuscritos para compor seu corpus de pesquisa deve possuir conhecimentos de Filologia, uma vez que o resultado de seu trabalho deve refletir fielmente o testemunho transcrito. Para que isso ocorra, conforme Fachin (2008, p. 19), deve fazer uso de “normas de transcrição e critérios de leitura elaborados, com o intuito de editar os documentos de forma fidedigna, ou seja, sem oscilações”. Para além dessas questões, prossegue o autor, “para que o resultado de sua edição possa ser examinado por outros pesquisadores, todos os critérios utilizados devem ser divulgados” (Fachin, 2008, p. 19).

Uma vez estabelecida uma edição que seja a mais fiel possível ao texto original, o levantamento e a análise propostos para os fenômenos linguísticos encontrados no corpus selecionado terão maior credibilidade. Isso porque há que se considerar que, na pesquisa diacrônica, diferentemente da sincrônica atual, não possuímos falantes que possam servir de contraponto aos dados levantados; daí a importância do rigor filológico no momento da transcrição de testemunhos de um estágio pretérito da língua. A seguir, trataremos dos tipos existentes de edição.

3 TIPOS DE EDIÇÃO

A edição de textos antigos tem um papel histórico-cultural diretamente ligado à propagação da memória de certos grupos entre distintos públicos – dos mais leigos aos mais versados – dependendo da modalidade de edição adotada. O processo de edição assume também o papel de perpetuação, contribuindo para a preservação do suporte material que contém o texto manuscrito, ou seja, à medida que a circulação do texto editado se dá de forma mais abrangente e acessível, pode-se abrir mão da consulta ao original. Por isso, a necessidade de se fazer um trabalho reto, embasado em normas claras que sejam seguidas fielmente.

Segundo Spina (1994, p. 77-79), existem diversas maneiras de se editar um texto: a edição fac-similar ou mecânica, a diplomática, a semidiplomática ou paleográfica e a edição crítica. A opção por uma ou mais de uma dessas edições recairá sobre qual o público almejado, pois dificilmente uma mesma edição pode ser adequada a públicos distintos. (cf. Cambraia, 2005)

No presente artigo, vamos apresentar a edição fac-similar e a diplomática do manuscrito sob análise. No primeiro tipo há um grau zero de mediação, já que apenas ocorre a reprodução mecânica de um testemunho através de meios mecânicos, fotografia, xerografia, escaneamento, microfilmagem etc. Vale destacar que essa afirmação não leva em consideração as alterações que os instrumentos de reprodução de imagem – escâner, câmera fotográfica, etc. – podem conferir à cópia. Já o segundo tipo de edição tem por objetivo principal transcrever em caracteres da imprensa moderna as escritas antigas, procurando interferir o mínimo possível no documento. Embora seja destinada ao público científico, é um tipo de edição bastante adotado, pois possui baixo grau de mediação e a transcrição é rigorosamente conservadora justamente porque são mantidos os sinais abreviativos, de pontuação, paragrafação, translineação, além de não serem desfeitas as fronteiras de palavras. Nesse tipo de edição, o leitor é poupado da árdua tarefa de decifrar as formas gráficas da escrita original, o que é uma vantagem, sobretudo para aqueles com menor prática de leitura de manuscritos antigos. Para o estudo da história da língua, a edição diplomática mostra-se bastante eficiente; isso porque é possível, por meio de fontes de programas

FLP20(2)

de textos, fazer uma reprodução bastante rigorosa do passado. No entanto, não se pode perder de vista que, não obstante todo o cuidado por parte do editor, “uma edição diplomática já constitui uma interpretação subjetiva, pois deriva da leitura que um especialista faz do modelo”. (Cambaia, 2005, p. 94)

Conforme se discutiu anteriormente, é necessário que sejam adotados critérios bem elaborados para o reconhecimento e identificação de caracteres, de forma que o texto original seja respeitado, dentre outros aspectos filológicos de edição. Para tanto, normas devem ser propostas e seguidas à medida que o trabalho de transcrição é realizado. A seguir, apresentaremos as normas adotadas para a transcrição do manuscrito sob análise.

4 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

As normas adotadas para a transcrição do documento tiveram como base o modelo adotado por Mendes (2008) que, por sua vez, baseou-se em Cambraia et al. (2001).

- a) A transcrição procurará ser fiel ao texto original;
- b) Não serão desdobradas as abreviaturas²;
- c) Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver; Ex: “deNosso”; “deJulho”; “emvirtude”;
- d) Serão mantidas a pontuação e acentuação originais;
- e) Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original;
- f) Quando a leitura paleográfica de uma palavra for duvidosa, a sua transcrição será feita entre parênteses: ();
- g) São transcritos na sua forma original os numerais, tanto indo-arábicos como romanos;
- h) Serão apontadas antes da transcrição as intervenções de terceiros no documento original, bem como o seu estado de conservação;
- i) Serão informadas em nota as anotações de outro punho, as alterações e os borrões de tinta;
- j) Serão transcritos *como pontos dentro de colchetes precedidos pela cruz* † (sendo que o número de pontos é o de caracteres não legíveis) (cf. Cambraia, 2005, p. 128) os caracteres cuja leitura for impossível. Entretanto, quando não for possível identificar esse número, apenas será registrada a cruz;
- k) Palavra(s) danificada(s) por corrosão de tinta, umidade, rasgaduras ou corroídas por insetos ou outros será(ão) indicada(s) entre colchetes, assim: [corroída] ou [corroídas]. Em se tratando de um trecho de maior extensão danificado pelo mesmo motivo será indicada entre colchetes a expressão [corroída + de 1 linha];
- l) A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical: | entre as linhas. A mudança de fôlio será indicada com duas barras verticais: ||;
- m) As páginas serão numeradas de acordo com o documento original, indicadas, nesse caso, entre duas barras verticais, além de apresentar o estado do fôlio. Exemplos: || fl.1r. ||; || fl.1 v. ||;

FLP20(2)

² Fizemos a opção pelo não desdobramento das abreviaturas, por reconhecer que se trata de registros linguísticos que necessitam de uma atenção especial, a qual não será tratada neste trabalho.

da ordem – dividido em três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconato – é destinado àquelas pessoas que desejam ingressar na vida sacerdotal.

O Catecismo da Igreja Católica (1998, p. 1549, apud *Lumen Gentium*, 1964) define que “[p]elo ministério ordenado [...] a presença de Cristo como chefe da Igreja se torna visível no meio da comunidade dos fiéis”. Por toda essa importância religiosa, o sacramento da ordem só pode ser recebido, ao que se pressupõe pelo documento, por aqueles escolhidos por Deus e ratificados pela Igreja.

Conforme se sabe, a Inquisição forçou judeus e mouros a professarem a fé no cristianismo e, ao mesmo tempo, criou-lhes uma barreira intransponível, pois os novos cristãos³ estavam marcados pelo pecado da sua origem. Em muitas ocasiões, era exigida limpeza de sangue, sobretudo para assumir encargos religiosos. Justamente para evitar a atribuição de cargos aos novos cristãos, todos os candidatos às ordens sacras eram submetidos à investigação genealógica.

A partir do século XVI, com a promulgação do Breve *De puritate sanguinis*, do papa Urbano VIII, para assumir qualquer grau religioso, todos os candidatos deveriam submeter-se aos processos de habilitação *De Genere, vita et moribus* (genealogia, vida e costumes), por meio dos quais comprovavam-se a “pureza de sangue e costumes” e a existência de uma renda mínima. (cf. Villalta, 2007).

[Os] processos de ordenações, mais conhecidos em linguagem eclesiástica como ‘De Genere et Moribus’, reúnem investigações com relação à procedência, idoneidade e conduta moral do pretendente às ordens sacras e ao presbiterado. Comportam três autos: ‘de genere’, em que são levantados dados referentes à identidade, filiação, naturalidade, fé católica do candidato; ‘de vita et moribus’, em que se fazem diligências, com a tomada de depoimentos juramentados, sobre os costumes e condição moral do futuro clérigo; ‘de patrimônio’, que recolhe provas e títulos de ordem financeiro-econômica, assegurando que o ordinando não era pessoa desvalida – uma norma de prudência bem conveniente a uma época em que clérigos percebiam uma cônica dos cofres públicos, devendo, então, serem impedidos os oportunistas e interesseiros⁴.

FLP20(2)

Os processos para ingresso à vida sacerdotal eram demorados, justamente porque exigiam testemunhos e comprovações de diversas pessoas. Ao final, os candidatos que passavam por esse rigoroso processo eclesiástico dividiam as honras com os seus familiares. “As famílias, durante o Período Colonial, mantiveram a prática de encaminhar ao menos um de seus filhos ao sacerdócio, que se apresentava como uma carreira almejada [...] para os que provinham das ‘boas famílias’” (Villalta apud Wernet, 2007, p. 28). Ter entre os seus familiares pelo menos um sacerdote com a declaração de boas origens era um glorioso status social. Segundo Carneiro (2005), a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos persistiu até 1773, quando o marquês de Pombal a aboliu, por decreto. Mesmo assim, por muitos anos continuou o temor de que alguma pessoa de sangue “impuro” se habilitasse ao sacerdócio.

Conforme mencionado anteriormente, o manuscrito que é objeto de análise, neste artigo, denominado *Auto de Sucreto*, é parte constituinte do processo de ordenação

³ Novos cristãos, cristãos novos, ou marranos: termos utilizados para designar pessoas recém-convertidas ao cristianismo ou pessoas descendentes de judeus ou de outra estirpe.

⁴ Nota Explicativa do Catálogo de Processos de Ordenações, Apresentação e Oposição. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM. Mariana, MG, 2012, s/p.

De Genere Vita et Moribus, do candidato Francisco de Paula Meireles. O processo, em sua totalidade, possui 195 fólios organizados em 4 maços; a parte que aqui analisamos está contida no último maço e possui 5 fólios (fólios 9 a 11, do maço 4), entre recto e verso. A seguir apresentaremos a edição fac-símile do primeiro fólio do manuscrito sob análise, seguida de sua edição diplomática.

6 APRESENTAÇÃO DO CORPUS: EDIÇÃO FAC-SÍMILE E DIPLOMÁTICA

Metodologicamente, todos os fólios de que é composto o processo foram digitalizados e, para facilitar a leitura, uma vez que alguns trechos estão ilegíveis, foi utilizado o software *Photoshop* para o tratamento das imagens. Já para a edição diplomática, após várias leituras do testemunho, foi proposto o alfabeto do documento, que, conforme Fachin (2008, p. 45), “representa etapa essencial para a leitura e transcrição satisfatórias de qualquer manuscrito, principalmente quando se trata de grafia de difícil decifração.” Em seguida, com base nas normas já estabelecidas, procedeu-se à transcrição.

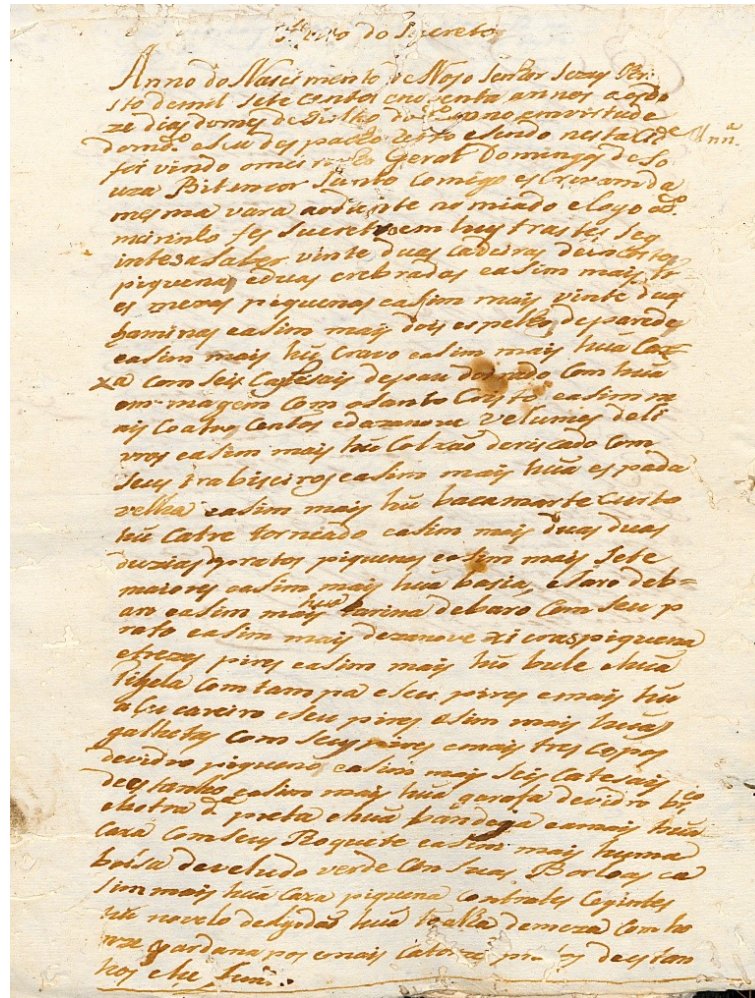
A seguir apresentamos a ficha codicológica que contém informações referentes à localização do documento, de que material é feito e como é composto, além de informações sobre a escrita.

Quadro 1 - Ficha codicológica

Cota	Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM) – Cúria Metropolitana; Armário 04; Pasta N° 604, 4° maço, fl. 9 v.
Documento	Processo de <i>Genere Vita et Moribus</i> de Francisco de Paula Meireles.
Assunto	Análise da vida, da genealogia e do comportamento do candidato ao sacerdócio, Francisco de Paula Meireles.
Datação	1779.
Local	Arraial do Tejuco (atual Diamantina - MG).
Suporte material	Cartáceo, sem pauta e sem marca d'água.
Composição	195 fólios com dimensão de 350 mm x 230 mm, aproximadamente. A dimensão é imprecisa, em função da deterioração das margens.
Organização da página	Nem todos os fólios encontram-se numerados. Conforme a contagem dos fólios que compõem o documento, o “Auto de Sequestro”, composto de 5 fólios, encontra-se no 4.º maço do processo.
Intervenção de terceiros	Há algumas pequenas marcações feitas a lápis na margem direita do documento.
Estado do documento	Bordas parcialmente deterioradas pela ação de papirófagos, o que impossibilita a identificação de alguns grafemas; ocorrência de opistografia, que, por sua vez, não inviabiliza a leitura do documento; presença de corrosão causada por compostos químicos presentes na tinta utilizada para escrita.

FLP20(2)

Com relação à escrita	Escrita levemente inclinada para direita, com exceção da letra 'd' (de tipo uncial).
Com relação aos grafemas	As letras maiúsculas, em geral, são de fácil identificação, mesmo apresentando certa variação; em alguns contextos, as letras 'a', 'e' e 'o' podem ser confundidas entre si; as letras 'e' e 'i' são facilmente confundidas; adotou-se, para fins de transcrição, o pingo como marca de diferenciação entre essas duas letras.



Fonte: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Figura 2 - Edição fac-similar do fl. 9v, 4.º maço.

Conforme já se discutiu, apenas apresentaremos o fac-símile do fl. 9v do manuscrito que ora analisamos por questões de espaço, mas a transcrição refere-se a todos os 05 fólios do *Auto de Sucreto*, que faz parte do *Processo de Genere Vita et Moribus* de Francisco de Paula Meireles.

Transcrição dos fôlios 9v. a 11v. do *Auto de Sucreto*
presente no *Processo De Genere Vita et Moribus de Francisco de Paula Meireles*.

- | | fl.9v. | | Ato do S[.t.]creto | Anno do Nascimento deNoso Senhor Jezus Cri |
sto demil sete centos enoventa annos aosdo | ze dias domes deJulho (dod^o) anno
emvirtude | domd.^o es (se) des pachos vito esendo nes tacid^eMnn.^a 5 | foi vindo ornci
r[.t.]ho GeralDomingos deSo | uza Bitencor Junto Comigo escrevam da | mesma vara
5 aodiante no miado elogio ad.^o | meirinho fez sucretro em hus tras tes seg | intes asaber
vinte duas cadeiras de(e)ncostar | piquena eduas crebradas easim mais tr | es mezas
piquenas easim mais vinte duas | laminas easim mais dois espelhos deparede | easim
mais hũ cravo easim mais huã Cax | xa com seis castesais depau doirado com huã |
em[.t.]magem com osanto Cristo easim m | ais coatro centos edazanove velumes deli |
10 vros easim mais hũ colxão deriscado com | seus trabiseiros easim mais huã espada |
velha easim mais hũ bacamarte curto | hũ catre torniado easim mais duas duas | duzias
depratos piquenos easim mais sete | maiores easim mais huã basia ejarco = | aro easim
mais hua⁶ tarina de baro com seu p | rato easim mais dezanove xi cras piquena | etrezes
pires easim mais hũ bule e huã | tilgela com tampa e seus pires emais hũ | açucareiro
15 eseu pires easim mais huãs | galhetas com seus pires emais tres copos | devidro piqueno
easim mais seis catesais | de estanho easim mais huã garafa devidro br^{co} | ehotra d.^a
preta ehua bandeja emais huã | caxa comseus Roquete easim mais huma | bolsa
develudo verde con suas Borloas ea | sim mais huã caxa piquena contrates cegintes | hũ
novo dealgodaõ huã toalha demeza com ho | nze coardanapos emais catorze pr(at)os
20 deestan | hos ehufundo | |
| | fl.10r. | | ehua panelinha debaro piquena ehua fronha | depano liza epiquena com seus
papeis tres | xicras edois pires ehua tigela com seu prato | emais dous pires emais hua
faca decabo de | prata antiga emais hum(a) colher egarfo de | prata huma bandeja
pequena emais huã | (f)olha detabaco emais huã balança demeia | livra co(m) seu marco
25 easim mais huã navalha | com folha deobreia easim mais hũ fexo dees | pingarda easim
mais huma Justificação | deBautismo easim mais humas fivellas | delCas tinha de sapato
ehuma chave convarios | papeis emais hũ catisal devidro deparede | edois baretes velho s
emais huã lamina toda | doirada emais coatro camizas finas easim mais | d[.t.]jes
(Pe)ntiadores emais hũs corteanados depano | delinho aberto emais dois lançoies e huã
30 Colxa de | xita emais duas toalhas demam humadepano delinho hotra deAlgudaõ e mais
dois fraques | dexas curtos com os Jalecos hũ Calçaõ de | xita ehũ lenco dexita easim
mais hũ vestido | inteiro deseda Roxa eassim mais huã Batinha | ecapa degala preta
easim mais hũ tinteiro de | pedra easim mais hua Batinha ecapa de seti | n emais hũ
vestido evestia develudo Roxo emais | hotro vestido de setin preto emais hũ Calçaõ
35 develudo cor decanela emais hũ fraque curto | de(dasrante) Branco com seus Jaleco do
mesmo | emais hũ par dimeias pretas desedas com | pes rotas ema(i)s humas tiras
depano | |
| | fl.10v. | | (escarlata) reco[.t.]ta[.t.]as easim mais hũma | vestia ecalçaõ de setin preto
lavrado ehufu | ma vestia degala preta ehotra dita depano | roxo easim mais huã tigela com
40 remedio | deButica emais tres pares desapatosvelho | easim mais hũ Bodoque ehũ par
decape | ladas sem xarel emais tres estantes e huã | escova devestido emais duas p⁷aetas
huã | velha ehotra nova emais hũ Baul emais huã | colxa desarafina emais hũ traviseiro
velho emais | dozes livros ehũ carderno ehua escova ecoatro | laminas emais digo velha
equebradas emais hũ | espriguisero e hũ esxarga[.t.] emais huã me | za e mais hũ Balaio
45 corberto decezero emais | hũ Baril degoa emais huma xecoladeira ehua | Banca emais hũ
maxadinho emais duas gamelas | e hũ Moleque por nomeDavi nasam Mina | emais huã
meza comsua Gaveta com varios | papeis emais hũ pratro Grande deestanho mais | dois

⁵ Não há separação de fronteira entre as duas abreviaturas que, por sua vez, adentram a margem direita do documento.

⁶ No documento, esta palavra está escrita acima da anterior, a saber, 'mais'.

⁷ No manuscrito há uma sobreposição de grafemas: 'p' e 'b'.

- piquenosedestanho mais (outro) pratro Gra | nde delousa emais hua Basia deestanho hũ |
(zada) emais hua Supera comtanpa emais | dois pires ehũa (cor)besa desipo emais hũ |
50 candeeiro delatao emais hũ catre lizo dep | au emais sete tamboretas emais hua farda |
depano azul ecamizas ehua Gravata dexta | Branca ehũ par defivela amarela deseu |
muleque emais coatro tanborete emais acadera | aonde ensinav^{8a} os seus estudos emais
hũ Bu | neco vestido desetin verde emais huã B^{9o}seta deta | tarubo duas pedras lapidadas
Emais huãCamiza | deMulher emais sete Chaves dea Br[.t.] portas | emais huã sinta
55 detafeta Cramezim velha emais | huma sela hũ freio est[.t.]depicaria deferro | |
| fl. 11r. | | emais huma Reide ao [corroido] sederme emais hũ | (par) decanba digo
decasamba emais hũ par | desapato com fivelas deprata piquenas emais | huã trempe
deduas panelas emais huã can | deia deferro emais hũ (tan)burete emais huã | lamina
piquena deSam Fran^{co} emais varios p | apeis que a Charo dentro dagaveta emais huma |
60 Com mada Comsuas Gavetas elogio ad.^e meirin | ho depuzitou osd.^{os} bens so cres atados
emmão | epoder doCap.^{am} Manoel Bras Fr.^a q̃ deles seodeo | porentregue eseo bregoece
asleis defiel depuzita | rão eeu escrivam digo q Renunciava Juizo | doseu foro [corroido]
tevese eu escrivam o noti | fiquei p.^a [corroido] bens socrestado naõ despuzeze | couza
65 (A)lguma sem especial ordem deste Juizo | penna dalei edetudo Como seobregou fis este
| auto desucrestos enq̃ asignou aqui Junto | Com omeirinho Geral eeu escrivamda |
mesma vara q̃ escreves An.^{to}Dias Braga | Manoel Bras Pereira daS^aLeal¹⁰ | O meirinho
Geral | Domingos deSousa Bitancor | Auto deaberturea | Anno doNascimento deNoso
Senhor Jezus | Christo demil esete centos enoventa annos aos | doze dias domes deJulho
70 dad.^o anno emvirtude | dad.^o mand.^o eseu despacho retro do M^{to} Rd^o | D^{or} Vegario Geral
esendo nestaCid^e fomos | as cazas donde morava oP.^e Mestre Fra | n^{co}dePaula oCal não
achemos encaza ep | edindo as chaves dad.^a cazas apesoa q̃ (nela) | estava m(o)rando nos
deo chaves de algumas | |
| fl.11v. | | dealgumas port[.t.] edas [t.]tras dese q̃ não | sa(bi)a ep(or) senaõ acharem
75 ch¹¹aves da(s) | portes egavetas eabriram co achaves de | conselho como nos mandava
omd.^o Junto | acol abrimto [t.]d.^a portas egavetas | eabreram avesta das testemunhas
aBa | [t.]o asignadas que perzensiava d¹²ego que per | zensiaram ad.^a ebertura deportas
egavetas q̃ perzensiaram ad.^a abrimtos deporta | esucrostos q̃ fes nasd^{os} bem seu
pastado | fis este termo deabrimtos enq̃ asig^{na} | ram asd^{as} testemunha Junto com omei
80 | rinho Geral eeu An.^{to} (Dias) Braga escrivam damesma vara q̃ [corroido] | M.^{cl}
[corroido] | NarcizoGomis Jaxm^o13 | Joaquim Pinto Pr^{ass} |
Escrevaõ

Aut eVara	- - - - -	2\$223	}	4\$813
Accintadas	- - - - -	\$150		
Mandado afl	- - - - -	2\$120		
Citaçoenes	- - - - -	\$000		
Certidaõ afl	- - - - -	\$150		
Concl. ePubl. ^{ano}	- - - - -	\$ 170		

Marianna 6 de Julho de 1794 na
BotelE¹⁴

⁸ No manuscrito há uma sobreposição de grafemas: 'd' e 'v'.

⁹ No manuscrito há uma sobreposição de grafemas: 'p' e 'b'.

¹⁰ Há um sinal público que acompanha a assinatura.

¹¹ Há uma sobreposição de grafemas (*x* e *ch*) no original. O escrivão grafou a palavra *chave* com *x* ou *ch* e depois fez uma rasura. Optou-se em transcrever a palavra com *ch* devido a ocorrências prévias desse registro neste mesmo documento.

¹² No manuscrito há uma sobreposição de grafemas: 'd' e 'q'.

¹³ Há um sinal público que acompanha a assinatura.

¹⁴ Há um sinal público que acompanha a assinatura.

7 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A seleção desses dados baseou-se, nesse primeiro momento, no “estranhamento” que estruturas de um estágio passado da língua causam em falantes/leitores contemporâneos. Conforme Tarallo (1990, p. 21, grifos nossos), “alguns segmentos [...] podem parecer à primeira vista, totalmente estranhos e irreconhecíveis de tal forma que um leitor contemporâneo poderia atribuir a eles valores *estranhos*”. Em seguida, fizemos um levantamento de fenômenos fônicos que possuem características em comum e o mesmo foi feito com os fenômenos morfossintáticos. Há que se considerar, no entanto, que, em função de espaço, fizemos uma análise atomística dos dados, sem nos basearmos em algum modelo teórico para explicar cada ocorrência.

7.1 Fenômenos fônicos

Reunimos nesta subseção palavras que apresentam características comuns conforme o metaplasmo correspondente. Metaplasmos, segundo Coutinho (1962, p. 166), “são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução”, ou seja, é o nome dado à mudança ocorrida na estrutura da palavra, seja ela em função de acréscimo, subtração ou deslocamento de segmentos sonoros, representada por grafemas, de que a palavra é composta.

No quadro a seguir, apresentamos os metaplasmos localizados no manuscrito¹⁵ sob análise. As definições apresentadas são baseadas em Bisol (1981), Carvalho & Nascimento (1969), Coutinho (1962) e Williams (1994).

FLP20(2)

¹⁵ Embora uma mesma palavra possa ter sofrido mais de um processo de mudança, apenas apresentaremos um deles.

Quadro 2 - Fenômenos fônicos.

<i>Metaplasmos</i>	<i>Número de ocorrências</i> ¹⁶	<i>Localização</i>	<i>Observações</i>
<i>Vocalização</i> : transformação de som consonantal em som vocálico.	<i>Bautismo</i>	Linha 26	De: <i>baptismo</i>
	<i>corberto</i>	Linha 50	
	<i>crebradas</i>	Linha 6	
<i>Epetêse</i> : acréscimo de um segmento sonoro no meio da palavra.	<i>pratiro</i> (2)	Linha 47	
	<i>lançoies</i>	Linha 29	
	<i>Reide</i>	Linha 56	Ditongação
	<i>sucietro</i>	Linha 5	
	<i>tilgela</i>	Linha 14	Variação única: <i>tilgela</i> / <i>tigela</i>
<i>Paragoge</i> : acréscimo de um segmento sonoro no final da palavra.	<i>Baul</i>	Linha 42	
<i>Metátese</i> : transposição de um segmento sonoro na mesma sílaba.	<i>perçensiava</i> (2)	Linha 77	
<i>Hipértese</i> : transposição de um segmento sonoro de uma sílaba para outra.	<i>socrestado</i> (3)	Linha 64	
	<i>xi cras</i> (2)	Linha 13	
<i>Síncope</i> : supressão de um segmento sonoro no meio da palavra	<i>catesais</i> (1)	Linha 16	Variação única: <i>castesais</i> / <i>catesais</i> / <i>catisal</i>
	<i>caxa</i> (2)	Linha 17	Monotongação.
	<i>botro</i> (3)	Linha 34	
<i>Ensurdecimento (fortalecimento)</i> : transformação de uma consoante sonora numa consoante surda homorgânica.	<i>coardanapos</i>	Linha 19	
<i>Enfraquecimento</i> : nos casos, transformação de uma consoante oclusiva numa fricativa.	<i>trabiseiros</i> ¹⁷	Linha 10	Variação única: <i>trabiseiros</i> / <i>traviseiro</i>
<i>Alçamento ou abaixamento</i> : mudança de uma vogal em determinada altura para uma vogal em mesma posição (anterior ou posterior) em uma altura mais alta ou mais baixa, respectivamente.	<i>no mizado</i>	Linha 5	Alçamento
	<i>píquena</i> (10) ¹⁸	Linha 6	
	<i>torniado</i>	Linha 11	
	<i>Buneco</i>	Linha 53	
	<i>muleque</i>	Linha 52	Abaixamento
	<i>enteiro</i>	Linha 32	
	<i>Butica</i>	Linha 40	
	<i>depuçitou</i> (x 1)*	Linha 60	

¹⁶ O número entre parênteses refere-se ao número de ocorrências da palavra no testemunho.¹⁷ Nesse caso houve um abrandamento, classificado como *degeneração* (/b/ > /v/).¹⁸ Segundo Bisol (1981, p. 259), nesses casos ocorre uma harmonização vocálica, que é “um processo de assimilação regressiva desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente subsequente, independentemente de sua tonicidade – que pode se estender a uma ou mais vogais médias do ambiente.” O mesmo vale para o exemplo da linha 60, *depuçitou*.

7.2 Fenômenos morfossintáticos

Quadro 3 - Fenômenos morfossintáticos.

<i>Tipo</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Localização</i>	<i>Observações</i>
<i>Cliticização de pronomes:</i> é a aglutinação do pronome, que é fonicamente menos saliente, a uma palavra base.	... ã deles seodeo porentregue...	Linha 61	
	... eseo bregou asleis ...	Linhas 61-62	
	... eu escrevam o noti fiqueii...	Linha 64	
<i>Colocação pronominal (próclise):</i> pronome anteposto ao verbo	... Como seobregou fis este...	Linha 65	
	... estava m(o)rando nos deo chaves de algumas...	Linhas 72-73	
	... easim mais dezanove xi craS piquenaØ...	Linha 13	
	... emais tres copoS devidro piquenoØ...	Linha 15	
	... eamais huã caxa comseuS RoqueteØ...	Linha 17	
<i>Concordância nominal variável:</i> a marca do plural, nos dados do documento analisado encontra-se em diferentes elementos e posições do SN.	... hũ fraque curto de(dasrante) Branco com seuS JalecoØ...	Linha 35	
	... p. ^a [corroído] benS socrestadoØ não despuze...	Linha 64	O sinal Ø indica a ausência de marca de plural.
	... asig ^a ram asd ^{as} testemunhaØ...	Linha 79	
	... emais tres pares desapatoSvelboØ...	Linha 40	
	... eu escrevam o noti fiqueii p. ^a [corroído] benS socrestadoØ...	Linha 64	
	... emais coatro tanboreteØ...	Linha 52	

FLP20(2)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Martins (2001), o uso de documentos não-literários como fonte de informação linguística pode produzir resultados tão relevantes no domínio da sintaxe quanto nos da fonologia, da morfologia ou do léxico.

O documento apresentado neste artigo apenas ratifica essa afirmação de que documentos manuscritos não-literários são fontes riquíssimas e inesgotáveis para pesquisa diacrônica. Eles são significativos para história da língua por serem datados e por trazerem registrado o local em que foram exarados. No que diz respeito aos aspectos linguísticos, esses documentos exprimem uma vasta fonte para que se desenvolvam diversas pesquisas no âmbito da Filologia, da Linguística Histórica e da Crítica Textual.

Por evidenciar um uso pretérito da língua portuguesa, contribuindo para o avanço do conhecimento desses estados de língua, os textos antigos assumem também uma grande importância para os estudos diacrônicos. Tendo em vista essa riqueza, a maior parte dos pesquisadores que utilizam documentos manuscritos como *corpora* de pesquisa devem dar preferência aos textos fidedignos, criteriosamente armazenados segundo normas da edição crítica de textos, conforme se discutiu aqui.

Certamente, os dados aqui apresentados, mesmo que de forma atomística, revelam apenas uma pequena parte do valioso objeto de pesquisa que ora temos em mãos, e muitos outros que ainda se encontram nos arquivos à espera de um estudo.

REFERÊNCIAS

FLP20(2)

Bisol L. Harmonização vocálica, uma regra variável [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1981.

Cambráia CN, et al. (2001). Cinco breves tratados religiosos alcobacenses: edição semidiplomática (cód. alc. 461). Caligrama – Revista de Estudos Românicos. 2001; 6:7-28. [citado 10 ago. 2018]. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/290/240>.

Cambráia CN. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes; 2005.

Carneiro MLT. Preconceito racial em Portugal e Brasil Colônia: os cristãos-novos e o mito da pureza de sangue. São Paulo: Perspectiva; 2005.

Carvalho DG, Nascimento M. Gramática histórica. 3ª ed., São Paulo: Ática; 1969.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Loyola/Vozes; 1993.

Constituição Dogmática Lumen Gentium. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus; 1997.

Coutinho I de L. Pontos de gramática histórica. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1962.

Fachin PRM. Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII. Goiânia: Trilhas Urbanas; 2008.

Mattos e Silva RV. O Português arcaico: Fonologia. São Paulo: Contexto; 1991.

Martins AM. Emergência e generalização do português escrito: de D. Afonso Henriques a D. Dinis. In: Mira-Mateus MH, organizadora. Caminhos do português. Lisboa: Biblioteca Nacional; 2001. p. 23-71.

Mendes ST do P. Combinações lexicais restritas em manuscritos setecentistas de dupla concepção discursiva: escrita e oral [tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2008. [citado 10 ago. 2018]. Disponível em: <http://poslin.letras.ufmg.br/defesas/479D.pdf>.

Spina S. Introdução à edótica. 2ª ed. São Paulo: Edusp/Ars poética; 1994.

Tarallo F. Tempos linguísticos. São Paulo: Ática; 1990.

Villalta LC. A Igreja, a sociedade e o clero. In: Resende MEL de, Villalta LC, organizadores. História de Minas: As Minas setecentistas. Vol. II. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo; 2007. p. 25-57.

Wernet A. A Igreja paulista no século XIX. São Paulo: Ática; 1987.

Williams EB. Do latim ao português. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1994.

Fonte Manuscrita

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana (AEAM), Minas Gerais. Processo De Genere Vita et Moribus de Francisco de Paula Meireles. Armário 04, pasta 604; 1779.

FLP20(2)